



PET  **Geo**

UDESC/FAED - MEC/CIEM

Ano XI – N° 102	Terceiro Trimestre de 2019	
	<p style="text-align: center;">PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL PET GEO INFORMATIVO</p>	

Nesta edição:

Editorial	3
De Olho no Programa	4
Políticas Locais	5
Artigo	7
PET indica	18
Eventos	20

ISSN: 1982-157X

<p>PET Geografia FAED/UDESC Expediente: Dezembro de 2019, Janeiro e Fevereiro de 2020.</p> <p><u>PETianos:</u> Ailton José Freire Rodrigues Junior, Ana Carolina Schuhli, Caio Alexandre Nascimento, Camilla Compan Granaíola Barcellos Coelho, Daniel Orsi da Costa, Evelyn Lima Gonçalves, Iago Peña do Amaral, José Junior Fracaro, Mariana Pereira Oliveira, Maria Clara Prates Rocha, Matheus Possa Ern, e Vitória da Silva Macedo.</p> <p><u>Tutora:</u> Prof.^a Vera Lucia Nehls Dias.</p> <p><u>Edição:</u> Daniel Orsi da Costa, José Junior Fracaro e Vitória da Silva Macedo .</p> <p><u>Revisão:</u> Grupo PET-Geografia.</p> <p><u>Impresso</u> pelo Grupo PET-Geografia FAED/UDESC, em tamanho A4, fonte Times New Roman.</p>	2
<p>Sugestões, reclamações, convites, opiniões: petgeoudescdrive@gmail.com</p>	

Editorial

Por: Vitória Macedo

É com muita animação que apresentamos a primeira edição do informativo do PET Geografia da UDESC do ano de 2020, este contém informações referentes aos meses de dezembro de 2019, janeiro e fevereiro de 2020. O ano de 2019 se encerrou de forma consideravelmente tranquila, tendo em vista os diversos acontecimentos no mesmo; esse foi um ano de muitas mudanças no cenário político brasileiro, entretanto nem todas foram positivas, tendo em vista o novo governo e suas implementações. Afirmo que para as universidades públicas brasileiras a atuação do governo foi pernóstica, promovendo severos ataques, tais como: cortes de despesas, corte de bolsas e encerramento de variados programas. Diversas instituições por todo país sofreram com as alterações feitas pelo Ministério da Educação, entretanto a força estudantil universitária, se mostrou forte e com muita garra para enfrentar os novos desafios. Já no primeiro semestre de 2020 novos problemas atingiram a educação brasileira de forma considerável, como por exemplo a diminuição de 16% no orçamento dos investimentos na educação, prejudicando gravemente a ciência do país. Além disso, as contrariedades na correção do exame nacional do ensino médio (ENEM), ocasionaram sérios impasses para os mais de três milhões de inscritos por todo território brasileiro, entre outros graves deslizes que aqui poderiam ser citados. Nesta crítica não tenho como deixar de dizer que o MEC, que atualmente vem sendo gerenciado por Abraham Weintraub, desde 8 de abril de 2019, apresenta uma estrutura desorganizada que coloca a educação brasileira no rumo das privatizações, um verdadeiro desmonte da educação pública. Apesar das críticas, estes eventos reforçam minha disposição para a luta por um ensino público e de qualidade, pois a educação é uma das ferramentas mais importantes para tornar a sociedade crítica e conscientizada. Me apoio aqui nos pensamentos de Paulo Freire quando diz: *“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.”* É em tempos de luta pela educação, que os estudantes serão a resistência.

De Olho no Programa

Por: José Junior Fracaro

No decorrer de dezembro de 2019 foram feitas atividades de encerramento do ano em exercício, sendo elas: prestação de conta dos recursos utilizados no ano de 2019, reunião do CLAA, planejamento estratégico de 2020, reuniões administrativas e atividades de encerramento (de todos os projetos pendentes).

No mês de janeiro de 2020 iniciou-se a elaboração de um artigo, o qual foi finalizado em fevereiro e enviado para a publicação no ebook da Direção de Extensão – DEX/Faed.

No mesmo mês ainda, foi feita reunião, na cidade de Joinville, com os PETs Elétrica e Geo, para tratar da elaboração do Relatório Consolidado dos grupos, exigência do MEC que passe por todas as câmaras da universidade.

Foi feita a conclusão do livro “Governador Celso Ramos: dinâmicas e perspectivas, o qual será posteriormente publicado em material impresso e no formato e-book.

No mês de fevereiro foi realizada uma campanha de arrecadação de materiais escolares para as crianças das ocupações urbanas de Florianópolis, onde também foram realizados os projetos de “Educação Ambiental” em 2019 e a pesquisa “Observatório Geográfico da Grande Florianópolis”. Foi dado também andamento aos contatos nas ocupações tendo em vista a formação de um grupo de apoio contra as demolições das moradias por parte da Prefeitura Municipal de Florianópolis e Prefeitura Municipal de Palhoça. Este grupo conseguiu impedir a remoção da ocupação Beira Rio, em Palhoça, e suspendeu o processo legal em andamento.

No mesmo mês começou o processo de seleção de novos bolsistas, uma vez que houve o desligamento voluntário de 3 integrantes. Aconteceu ainda, reuniões administrativas e de planejamento, acerca das atividades a serem desenvolvidas no primeiro semestre de 2020.

A tutora Vera Dias ministrou oficina de elaboração de projetos e artigos, esclarecendo sobre a importância da escolha do tema, a metodologia a ser aplicada e as normas as quais precisamos respeitar, bem como o desenvolvimento estrutural dos mesmos. Esta oficina está vinculada ao projeto “PET Saberes”.

Foi realizada a acolhida dos calouros da primeira fase da Licenciatura, pelo projeto “Recepção aos calouros”, onde foi apresentado o curso de geografia como um todo, sendo aplicado o projeto “Geografia como Profissão”, que teve o intuito de passar informações e tirar dúvidas sobre a profissão do geógrafo (campo de atuação, áreas abrangentes, etc.).


Políticas Locais

Por: Daniel Orsi da Costa



biblioteca e prédio da FAED). Nesse âmbito, a universidade decidiu expandir seu alcance e teve como mais nova aquisição o prédio da Oi, em frente ao campus I, sendo que os estudos dos usos e layout ainda estão sendo analisados. A nova área conta com 11 mil m² construídos, dentro de um terreno com 41 mil m², localizada no coração do bairro do Itacorubi.





Para finalizar o ano de 2019, a Udesc anunciou diversos investimentos feitos tanto em pessoal - como bolsas em pesquisa, intercâmbios nacionais e internacionais, programas de bolsas em mestrado/pós dos discentes – como em infraestrutura (obras/investimentos na




GEODESIGN SOUTH AMERICA 2019
Risk Management, Urban Growth and Environment Protection

De 11 a 13 de dezembro de 2019
Universidade do estado de santa catarina
Av. Me. Benvenuta, 2007 - Itacorubi, Florianópolis -


Palestras programadas / Lectures planning

11 DEC		<p>Palestrante/Keynote Speaker: Prof. Dr. Carl Steinitz Harvard University - USA</p> <p>Palestra: Geodesign: negociação é generalizada</p> <p>Lecture: Geodesign: negotiation is pervasive</p>
12 DEC		<p>Palestrante/Keynote Speaker: Prof. Alenka Poplin Iowa State University - USA</p> <p>Palestra: Geogames e Design Thinking como um processo para apoiar a conscientização do risco e a construção de governança territorial</p> <p>Lecture: Geogames and Design Thinking as a process to support risk awareness and construction of territorial governance</p>
13 DEC		<p>Palestrante/Keynote Speaker: Prof. Brian Orland University of Georgia - USA</p> <p>Palestra: Experiências no ensino de Geodesign nos EUA e o papel deste novo campo nas carreiras profissionais</p> <p>Lecture: Experiences in teaching Geodesign in the USA and the role of this new field in professional careers</p>
13 DEC		<p>Palestrante/Keynote Speaker: Prof. Michele Campagna UNICA - Itália</p> <p>Palestra: PEA - Planejamento Estratégico Ambiental e papel do Geodesign neste processo</p> <p>Lecture: SEA - Strategic Environmental Planning and Geodesign's role in this process</p>


REALIZAÇÃO



PATROCÍNIO



APOIO



Tivemos também o evento GeoDesign South America 2019, realizado pelo GeoLab em conjunto com outras universidades da federação, a respeito dos aspectos das tecnologias sobre gerenciamento de risco, crescimento urbano e proteção ambiental. O objetivo do evento foi reunir pesquisadores da América do Sul para trocar seus conhecimentos e experiência no uso de tecnologias de informação e geoinformação, como suporte ao planejamento de

uma ampla gama de escalas territoriais.

Além disso, houve a realização do concurso para o preenchimento de vagas no IMA (Instituto do Meio Ambiente), organizado pela banca avaliadora da Udesc. Já no aspecto empreendedor, a Udesc recebeu o 4º lugar no *ranking* nacional de universidades empreendedoras atrás somente da USP, Unicamp e UNESP.

Após as férias de verão e com o início das aulas, a universidade passou a disponibilizar novos auxílios estudantis – como vale moradia e vale refeição - a fim de garantir a permanência dos discentes que estejam em condição de vulnerabilidade socioeconômica, para que possam continuar estudando de forma digna em cidades cada vez mais caras, de alto custo de vida.

Artigo

A Autoconstrução em Ocupações

Leonardo Martins Bandeira

Resumo

Este artigo pretende trazer a discussão a respeito das relações que o sistema capitalista produz no espaço urbano, com foco na negação da terra e habitação aos grupos sociais excluídos. Estes, por direito à cidade, encontram na ocupação e na autoconstrução a maneira de legitimar-se dentro da cidade capitalista.

Palavras-chave: Autoconstrução; Cidade; Ocupação.

O Espaço Urbano Fragmentado

Segundo Roberto Lobato Corrêa, o espaço urbano é a cidade capitalista. Esta, por sua vez, é a materialização das relações inerentes ao sistema capitalista. Temos, então, a dicotomia explorados (força de trabalho) e exploradores (detentores do capital). Estas resultam, dentro do âmbito da cidade, nas diferenças do uso do espaço urbano, principalmente ao acesso à terra, à moradia. A história sugere primeiramente a área central como lugar de ocupação das classes de alto *status* social, sendo renegado o subúrbio para a força de trabalho. Como o espaço urbano está em constante mudança temos, hoje, uma realidade de análise muito mais complexa. O centro da cidade já não detêm mais o cunho elitista que outrora possuía, no entanto, perto do núcleo central não raro encontramos exemplos de bairros de alto status social. O bairro Beira-Mar, a cerca de cinco minutos do centro de Florianópolis, é um exemplo. Alguns subúrbios, com um sem número de amenidades criadas, também são exemplos de áreas ocupadas pelos grupos sociais de alto *status*. Quanto aos grupos sociais excluídos, a já histórica caminhada para os longínquos subúrbios que, no geral, careciam e ainda carecem de algumas estruturas básicas para a vida

humana ainda é realidade. Estes grupos, por vários motivos, mas em especial a proximidade com os postos de trabalho, ocupa também áreas consideradas inapropriadas para ocupação próximas aos centros urbanos. Encostas e áreas inundadas são o melhor exemplo aqui, tendo, em Florianópolis, as inúmeras ocupações do Maciço do Morro da Cruz para análise. Este fato também ocorre pelo alto preço da terra urbana, na grande maioria das vezes inviável aos baixos salários que o capital concede a força de trabalho. Algumas características estão inerentes ao tipo de habitação que é quase obrigatório aos grupos sociais excluídos. Roberto Lobato Corrêa sintetiza:

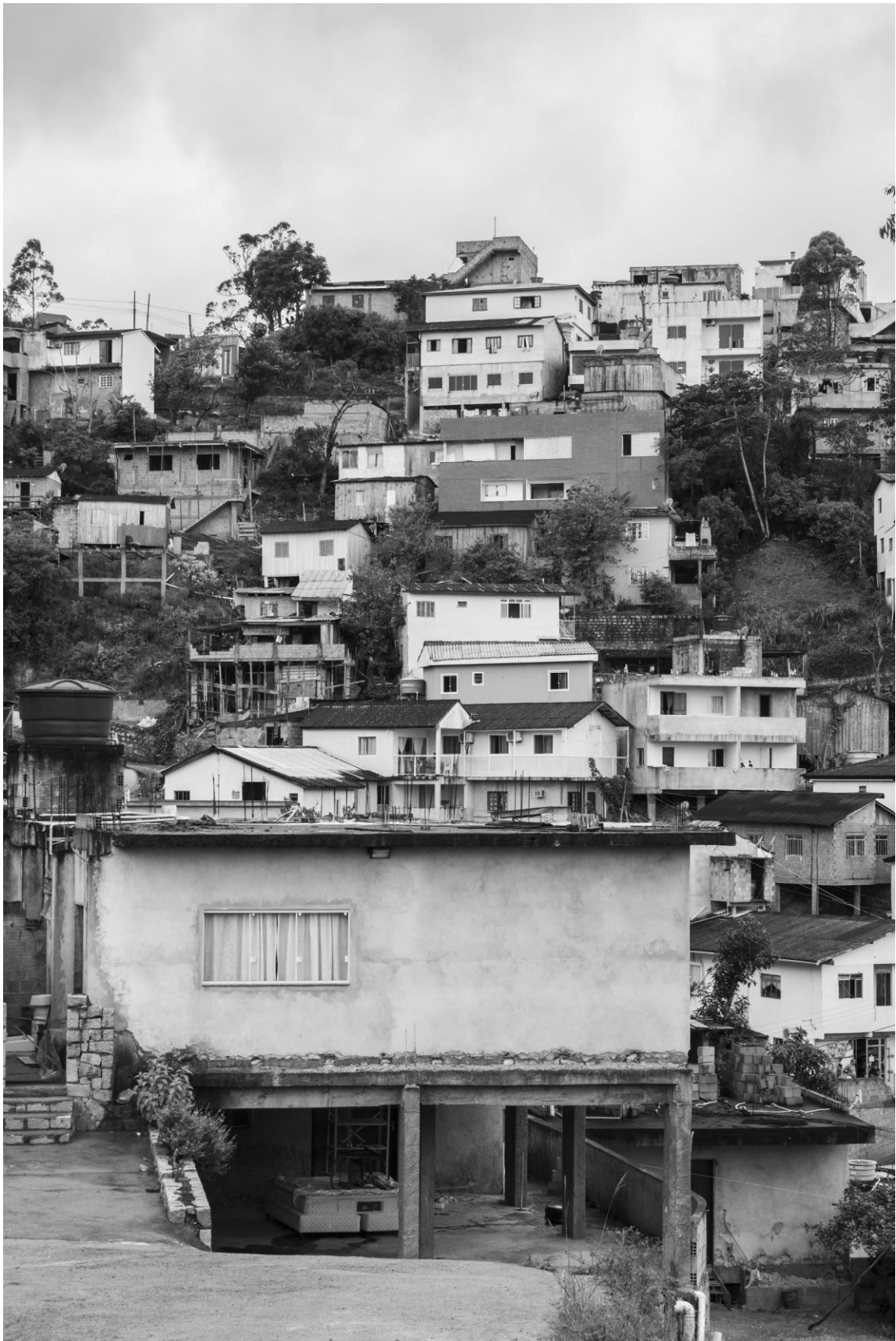
A habitação é um desses bens cujo acesso é seletivo: parcela enorme da população não tem acesso, quer dizer, não possui renda para pagar o aluguel de uma habitação decente e, muito menos, comprar um imóvel. Este é um dos mais significativos sintomas de exclusão que, no entanto, não ocorre isoladamente: correlatos a ela estão a subnutrição, as doenças, o baixo nível de escolaridade, o desemprego ou o subemprego e mesmo o emprego mal-remunerado.

O Estado, por sua vez, tenta de forma direta e indiretamente solucionar o problema de moradia dos grupos sociais excluídos. Diretamente pela construção de complexos habitacionais e, indiretamente, pelo financiamento para a construção feita por terceiros. Notoriamente tivemos avanços quanto a esta questão nas últimas décadas. No entanto, o Brasil figura como o 9º país mais desigual do mundo, segundo o ranking de desigualdade de renda de 2018 feito pela organização internacional Oxfam, gerando, obviamente, centros urbanos onde as moradias e áreas ocupadas tendem, qualitativamente, a apresentar um abismo entre si. Correlacionado a isso temos, no território brasileiro, a partir de políticas públicas e do agronegócio, um gradativo esvaziamento da área rural com um adensamento populacional nas áreas urbanas. Dentro dessa realidade, é esperado que a luta legítima por terra na área urbana, por parte dos grupos sociais excluídos, se atenuem. Raquel Rolnik ilustra a situação das cidades brasileiras neste início de século:

A pesquisa Perfil Municipal (munic-ibge 2000) revela a presença de assentamentos irregulares em quase 100% das cidades com mais de 500 mil habitantes, 80% das cidades entre 100 mil e 500 mil. Até nos municípios com menos de 20 mil habitantes, os assentamentos informais aparecem em mais de 30% dos casos.

Autoconstrução

O espaço urbano, então, apresentando áreas sociais díspares entre si, tem, para os grupos sociais excluídos, além da impossibilidade da compra de terra, a barreira dos custos da construção de suas moradias. Vale lembrar que no artigo 6º do capítulo II dos dispositivos constitucionais presentes no estatuto da cidade, a moradia é constatada como um direito de todo e qualquer brasileiro. Na lei Nº 10.257 de 10 de julho de 2001, no artigo 2 do capítulo I, no parágrafo primeiro, lê-se a diretriz “garantia do direito a cidades sustentáveis, entendido como o direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infra-estrutura urbana, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer, para as presentes e futuras gerações”. Conclui-se, então, a partir do que se observa nas cidades brasileiras atuais, que o Estado “tende a privilegiar os interesses daquele segmento ou segmentos da classe dominante



Ocupações no Maciço do Morro da Cruz. Foto: Leonardo Bandeira.

que, a cada momento, estão no poder” (CORRÊA, 1989). A bem verdade é que a terra urbana e a moradia são produtos que contêm um alto valor de troca, sendo este condicionado pelos inúmeros interesses tanto dos proprietários fundiários quanto dos promotores imobiliários. Sendo assim, os grupos sociais de baixo *status* social são excluídos do acesso a cidade de forma que respeite as necessidades humanas. Quanto à precária ocupação na cidade por parte destes grupos, voltamos a Roberto Lobato Corrêa:

Os grupos sociais excluídos têm como possibilidades de moradia os densamente ocupados cortiços localizados próximos ao centro da cidade - velhas residências que no passado foram habitadas pela elite e que se acham degradadas e subdivididas -, a casa produzida pelo sistema de autoconstrução em loteamentos periféricos, os conjuntos habitacionais produzidos pelo Estado, via de regra também distantes do centro, e a favela.

Quanto ao acesso a terra, e os conflitos pela mesma, tem como resultado os movimentos de ocupação de áreas públicas ou privadas. Estas encontrando-se de maneira ociosa, não cumprindo papel social nenhum. Vale lembrar que muitas vezes estas terras estão em lugares já ilustrados, como encostas e banhados. Fato que demonstra o contraste entre as classes sociais presentes na cidade, trazendo, muitas vezes, estas áreas como única opção de ocupação dos referidos grupos sociais.

Por se tratar de áreas sem uso, e de o direito a moradia estar assegurado na constituição, torna-se legítimo o movimento de ocupação e a posterior luta pela regulamentação da área ocupada. No entanto, num segundo passo, temos a construção da moradia. Pela exploração sofrida por esta classe, resultando na falta de verba para viabilizar a montagem de suas casas, gera, de forma não homogênea, o processo de autoconstrução. São inúmeras as características e possibilidades de apreensão deste fenômeno. O morador, a partir do uso da sua própria força de trabalho constrói a sua moradia, muitas vezes variando os materiais utilizados. É comum, em áreas mais pobres, a utilização de resto de materiais de construção, madeiras usadas, *outdoor's* publicitários, lonas, compensados, etc. Em alguns lugares, ou em tempos históricos diferentes, existem também a possibilidade de mutirões de construção. Com muito pesar o sujeito que ocupa a terra (ou em menor número a deteve por financiamento) adquirir o mínimo para edificação de sua moradia e, com a ajuda de vizinhos e



Casa feita com o processo de autoconstrução, na ocupação Nova Esperança - Palhoça, SC.
Foto: Leonardo Bandeira.

peças da família, constrói aos poucos a sua casa. Esta é uma temática muito bem ilustrada no documentário Fim de Semana, de 1976, dirigido por Renato Tapajós. Nesta película de 30 minutos é apresentado os aspectos da autoconstrução dos novos bairros periféricos da cidade de São Paulo, condicionados pela industrialização. Na atualidade, a realidade na cidade brasileira mostra que a autoconstrução é uma ferramenta de luta pelo direito à cidade.

Os Casos das Ocupações Nova Esperança e Marielle Franco

A ocupação Nova Esperança, no município de Palhoça, é um bom exemplo quanto a autoconstrução. Neste caso, como se trata de uma área alagada, temos inclusive o trabalho dos moradores no aterramento do espaço da comunidade. Rotineiramente chegam caminhões com entulhos de obras dos mais variados. Os rejeitos que são classificados como de menor qualidade são colocados logo na primeira camada, sobre o terreno virgem e alagado. Com a posterior compactação do mesmo, vem uma segunda camada de rejeitos mais fortes, como restos de concreto. Gradativamente o solo vai aumentando de volume e o terreno ficando mais alto, fazendo aos poucos o lugar tomar ares de habitável. Antes do solo chegar a uma altura considerável, o sistema de palafitas é comumente usado. É notório também que os moradores utilizam alguns materiais encontrados nos entulhos para a construção de suas casas. Madeiras, ferros, lonas, etc. são reaproveitados no sistema de autoconstrução. Ainda sobre as características das casas nessas ocupações, é interessante destacar que é comum famílias de mais de cinco pessoas habitarem construções com poucos metros quadrados. O número de sandálias presentes na escada da casa, na imagem em anexo, ilustra um pouco essa realidade.

É, de fato, um problema social que o Estado tem o histórico de intervir contra as classes excluídas. No dia 22 de junho de 2018, em ação truculenta comandada pela prefeitura de Florianópolis, agentes da Polícia Militar juntamente com funcionários da prefeitura adentraram a ocupação Marielle Franco, no Saco dos Limões, em Florianópolis. A ocupação é dividida em duas áreas, uma pública e outra privada. A pública comporta 17 famílias, enquanto a privada 60. Neste dia foram derrubadas algumas casas da ocupação nas duas áreas. Quanto aos projetos de habitação, a prefeitura diz trabalhar apenas no local público, e que já existe em curso um processo de reintegração de posse para a área privada. Os moradores comentam sobre a ação da polícia, que ronda a comunidade, trazendo receio aos habitantes e fazendo com que os mesmos não durmam, nem saiam para trabalhar ou levar os

filhos para a escola. A ideia de voltar do trabalho e a casa estar destruída passa a se tornar realidade nestes momentos de conflito.

Autoconstrução: legítima ou serve à classe dominante?

Em artigos publicados pela revista *Novos Saberes*, da CEBRAP, é apresentada a discussão sobre autoconstruções proposta em uma conferência no seminário "Políticas Habitacionais, Produção de Moradia por Mutirão e Processos Autogestionários: Balanço Crítico de Experiências em São Paulo, Belo Horizonte e Fortaleza", realizado na FAU-USP em outubro de 2004. O título do artigo do debate em questão é *O Vício da virtude*, por Francisco de Oliveira, professor titular aposentado do Departamento de Sociologia da USP. O autor nos traz uma crítica ao sistema de autoconstrução. Segundo ele, a utilização deste meio de produção de moradias, por parte da classe social excluída, acarreta na diminuição do custo de reprodução da força de trabalho, ou seja, diminuí o cálculo do salário mínimo (que deveria contemplar os custos mínimos da vida em sociedade), uma vez que os custos da moradia foram diminuídos pelos próprios trabalhadores. O autor nos traz a ideia de que o processo de autoconstrução gera também uma dialética negativa, ou seja, diminui o nível de contradição, uma vez que usa os trabalhadores como ferramenta para seu objetivo direto. Francisco argumenta também que, devido às características do produto da autoconstrução, a moradia em questão não tem valor de troca, apenas valor de uso. Isto, associado ao fato da baixa renda do grupos sociais em questão, inviabiliza o nascer de um sistema imobiliário entre eles. Por fim, o artigo nos traz que a autoconstrução por mutirões só é possível pela construção de uma idéia comunidade que, segundo o autor, é ilusória. Passada a etapa de construção, tal comunidade se esvai.

No mesmo ano, Sérgio Ferro, pintor e professor, formado em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP, teceu um comentário também publicado pela revista *Novos Saberes* em que discordava das leituras de Francisco de Oliveira quanto as autoconstruções. Dissentiu, e isso de certa forma entra em consenso com a citação de Roberto Lobato Corrêa, da possibilidade de que o Estado era fiel aos reais custos de vida da classe trabalhadora. Ou seja, os baixos salários não necessariamente estavam linkados a autoconstrução. Nesta mesma linha, cita o trabalho de Pedro Arantes, do qual mostra que o Banco Mundial recomenda que se esqueça o problema habitacional. Dentro da lógica capitalista, e dentro do espaço urbano, de fato, o problema de moradia para as classes exploradas não encontra esperanças possíveis. Ele lembra também a mundial discrepância da distribuição de renda, sendo o Brasil um do

dos países mais desiguais (como já dito antes). O autor procura então legitimar, a partir das baixas condições financeiras dos trabalhadores, a ação de ocupação de terras e da autoconstrução. Sérgio Ferro também comenta sobre a questão da formação da comunidade. Ele a vê de maneira positiva, no âmbito dos mutirões para a autoconstrução. É um meio para consolidar a consciência de classe. Lembra de Karl Marx, no que se refere ao fomento dessa cooperação. Marx, na Resolução do I Congresso da AIT, defende as cooperativas, com igualdade de salários e, nas “Reivindicações do Partido Comunista na Alemanha” propõe ateliês nacionais.

Contrapondo as duas linhas de pensamento, mesmo que expressadas de forma muito resumidas aqui, chega-se à conclusão que não é uma questão de opção ou de algo que poderia dar efeito contrário a luta dos trabalhadores. A autoconstrução é, quando acontece, a única possibilidade de edificação de uma moradia por parte das classes exploradas. Sobre a questão da ilusão de comunidade e consciência de classe, vale lembrar que são inúmeros os exemplos de comunidades que contam com banheiros e cozinhas comunitárias. Além disso, possuem um centro administrativo local, liderado por algum morador da comunidade, que se torna o porta voz das reivindicações das mesma. Dessa forma, fica relativamente bem ilustrado que as ações de ocupação e autoconstrução escondem muitas outras positivities além do objetivo primeiro: a moradia.



Container de lixo na ocupação Nova Esperança - Palhoça SC. Foto: Leonardo Bandeira.



Detalhes da habitação feita pelo processo de autoconstrução na ocupação Nova Esperança - Palhoça, SC. Foto: Leonardo Bandeira.

Referências

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 1ª Ed. São Paulo: Editora Ática S.A, 1989.

BRASIL. Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas. *Estatuto da Cidade*. Brasília, 2008.

BRASIL. Ministério das Cidades. *Regularização fundiária sustentável – conceitos e diretrizes*. 1 ed. Brasília, 2007.

DE OLIVEIRA, Francisco. O Vício da Virtude. *Revista Novos Estudos: CEBRAP*, São Paulo, v. 74, mar. 2006.

FERRO, Paulo. Nota sobre “O Vício da Virtude”. *Revista Novos Estudos: CEBRAP*, São Paulo, v. 76, nov. 2006.

FIM DE Semana. Direção: Renato Tapajós. Produção: Ecofalante; Elsa Lopez Kathuni; Erminia Maricato; Renato Tapajós; W. Jacy (Jota). 1976.

JORGE, Elisa. Truculência do Estado na Ocupação Marielle Franco. *Estopim*. Florianópolis, 25 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.estopimcoletivo.com/single-post/Truculencia-do-Estado-na-ocupacao-Marielle-Franco>> Acesso em: 1 dez. 2018.

BRAZZO, Dayane. Prefeitura de Florianópolis e moradores buscam solução para ocupação no Saco dos Limões. *Hora de Santa Catarina*, Florianópolis, 7 de jul. 2018. Disponível em: <<http://horadesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/geral/noticia/2018/07/prefeitura-de-florianopolis-e-moradores-buscam-solucao-para-ocupacao-no-saco-dos-limoos-10424836.html>> Acesso em: 2 dez. 2018.

PET Indica

Música: I'm Alive Brasil – Caetano Veloso

Descrição: Crítica social ao desmatamento na Amazônia.

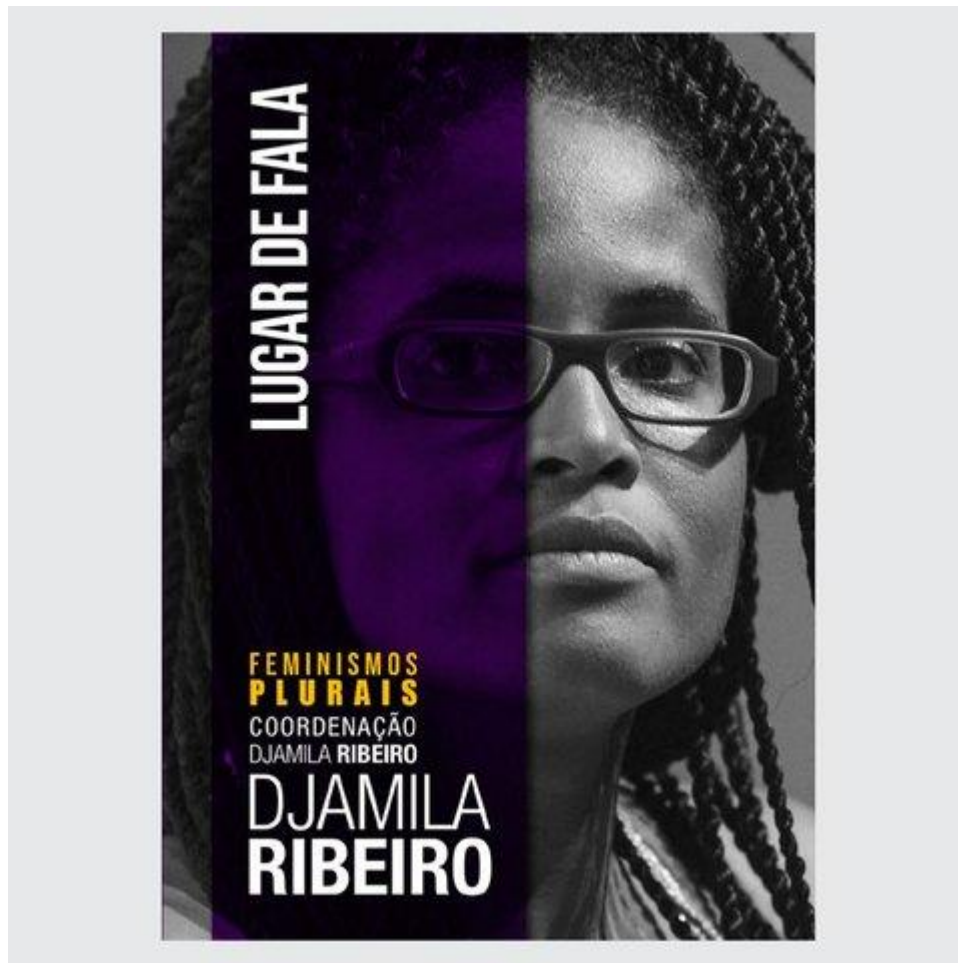


Filme: Bacurau

Descrição: Os moradores de um pequeno povoado do sertão brasileiro, chamado Bacurau, descobrem que a comunidade não consta mais em qualquer mapa. Aos poucos, percebem algo estranho na região: enquanto drones passeiam pelos céus, estrangeiros chegam à cidade. Quando carros se tornam vítimas de tiros e cadáveres começam a aparecer, Teresa, Domingas, Acácio, Plínio, Lunga e outros habitantes chegam à conclusão de que estão sendo atacados. Falta identificar o inimigo e criar coletivamente um meio de defesa.”

Gênero: Drama/ Ficção científica

Ano: 2019



Livro: Lugar de Fala

Descrição: A intenção da coleção Feminismos Plurais é trazer para o grande público questões importantes referentes aos mais diversos feminismos de forma didática e acessível. Com o objetivo de desmistificar o conceito de lugar de fala, Djamila Ribeiro contextualiza o indivíduo tido como universal numa sociedade cisheteropatriarcal eurocentrada, para que seja possível identificarmos as diversas vivências específicas e, assim, diferenciar os discursos de acordo com a posição social de onde se fala. (edição revista em parceria com a Pólen Livros)

Eventos

- **Evento:** III Congreso de Geografía Regional (III Congresso de Geografia Regional)
Data: De 4 a 6 de maio de 2020 - Buenos Aires - Argentina
Local: Universidade Nacional de Luján (Sede Central) - Luján Província de Buenos Aires.

- **Evento: II ENCONTRO DE DIÁLOGOS GEOGRÁFICOS**

Data: 25 a 27 de agosto de 2020 - Florianópolis - Santa Catarina

Local: Av. Me. Benvenuta, 2007

Descrição: “O II ENCONTRO DE DIÁLOGOS GEOGRÁFICOS oferece ao público um espaço de formação para pesquisadores, docentes, gestores e discentes que buscam pensar, dialogar e compartilhar conhecimentos e experiências relativos a Geografia e a Educação no contemporâneo.

Conectado com o mundo do trabalho, do conhecimento, da vida acadêmica e da Educação Básica, o Encontro tem os seguintes objetivos:

Viabilizar um ambiente dialógico de partilha de conhecimentos e experiências e de provocação a novas ideias entre docentes de diferentes níveis e modalidades de ensino;

Possibilitar o desenvolvimento da pesquisa em Educação Geográfica com o compartilhamento de resultados e metodologias de investigação desenvolvidos no contexto do Brasil contemporâneo;

Potencializar o debate sobre as concepções e políticas que orientam o Ensino de Geografia na Infância, na juventude e ao longo da vida, nos diversos espaços de aprendizagem, as diferentes linguagens da Geografia nas diversas modalidades e níveis de ensino, e as questões curriculares deste campo.”

Fonte: <https://www.even3.com.br/edgeoudesc2020/>

- **Evento:** Debate "A Luta das Mulheres e o Socialismo"

Data: 12 de março de 2020

Local: Joinville, Santa Catarina - Brasil

- **Evento:** XXV Encontro Nacional de Estudantes de Geografia

Data: De 8 a 12 de junho de 2020

Local: São Luís, Maranhão - Brasil

Descrição: <https://www.eneg2020.com.br/>

- **Evento: XXV Encontro Nacional de Geografia Agrária**

Data: De 11 a 15 de novembro de 2020

Local: Belém, Pará - Brasil

Descrição: <https://www.facebook.com/XXVENGA/>

- **Palestra "Diálogos sobre Perspectivas de Gênero e o Direito das Mulheres"**

Data: 17 de março de 2020

Local: Brasília, Distrito Federal - Brasil

Descrição:

<https://drive.google.com/file/d/18KoGJ50laI9VbeuunKkpnRT06MT8cw1N/view>

- **Evento: V Congreso de Estudios Poscoloniales y VII Jornadas de Feminismo Poscolonial (V Congresso de Estudos Pós-Coloniais e VII Jornadas de Feminismo Pós-Colonial)**

Data: De 1º a 4 de dezembro de 2020

Local: Buenos Aires, Ciudad Autónoma - Argentina

Descrição: "Una nueva poética (erótica) de la relación, para una nueva política de lo diverso y de las futuridades. Abriendo mundos poscoloniales" ("Uma nova poética (erótica) da relação, para uma nova política do diverso e das futuridades. Abrindo mundos pós-coloniais")

- **Evento: XXIII SULPET**

Data: 18/04 - Florianópolis - Santa Catarina **Local:** Universidade Federal de Santa Catarina Campus Florianópolis

Lema: SULPET 2020 - Educação pública e compromisso social